

# Apresentação

A alegria de toda a equipe editorial por finalizar o segundo número da Revista Latino-americana de Geografia e Gênero é indescritível. Sonho acalentado a tantos anos, agora se realiza a cada semestre, por meio da contribuição de pesquisadores que confiaram sua produção científica à revista. Cada edição é um desafio, enfrentado com seriedade e responsabilidade de fazer crescer a análise de gênero e sexualidades no campo da Geografia da América Latina, ainda incipiente, embora fortalecida a cada dia.

Essa revista, reafirma o compromisso com a produção das geografias feministas e, além disso, prima por ampliar o espaço científico dedicado a trazer para a visibilidade sujeitos e temas repudiados e considerados a-espaciais pela ciência convencional, de caráter conservador.

Este número está composto de doze artigos, além de uma resenha e de uma entrevista. A organização interna deste número, contempla uma variedade de abordagens espaciais, reunidas em grupos temáticos que contemplam as performances queer, femininas e masculinas.

O primeiro texto de Anthony Furlong traz uma fundamental contribuição, evidenciando que os lugares de tolerância às performances queer no Rio de Janeiro devem ser compreendidos para além das categorias de sexualidades, mas de forma complexa interseccionando categorias como raça e classe. É a partir desse desafio que o autor nos mostra que a tolerância da Zona Sul do Rio de Janeiro é apenas para homens brancos de alta renda, desconstruindo a imagem Gayfriendly carioca. Juliana Frota da Justa Coelho em: “Descortinando a cidade: a 'montagem' da Fortaleza 'babado'” traz as sociabilidades homossexuais no espaço urbano e as suas territorialidades. Seu texto provoca a compreensão da formação de territórios, por meio de brechas e astúcias apreendidas no tempo. Enfoca as performances de travestis, transformistas e drag queens como sujeitos que borram as concepções naturalizadas de gênero e sexualidade, trazem à tona a plasticidade dos corpos e os desejos que se fazem na cidade. A escola é o referencial de análise de Eder Rodrigues Proença em seu artigo: “Cartografias dos corpos estranhos: narrativas ficcionais das homossexualidades no cotidiano escolar”. Seu texto chama a atenção para a necessidade de ampliar a reflexão em torno do trabalho pedagógico no trato com as representações preconceituosas da homossexualidade e desafia a escola a desconstruir tais representações. Por sua vez, Benhur Pinós da Costa em “Geografias das interações culturais no espaço urbano: o caso das territorializações das relações homoeróticas e/ou homoafetivas” chama a atenção para a interdição das expressões de afetividade em espaços públicos da cidade, de pessoas orientadas para o mesmo sexo e sua paradoxal formação de territórios como espaços restritos para suas manifestações de afeto.

As mulheres foram alvo de grande número de reflexões, presentes nesse número da revista. O artigo de Daniela Franco e Julieta Sourrouille aborda a migração de mulheres mapuches para a cidade Trelew, província de Chubut na Argentina e as suas práticas de resistência e ocupação de uma área urbana, criando estratégias de sobrevivência por meio de seus saberes e cultura. O urbano também é foco de análise de Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco em um artigo intitulado “Demandas habitacionais de famílias monoparentais com responsabilidade feminina e as políticas públicas municipais desenvolvidas pela PROLAR entre 2004 e 2007 em Ponta Grossa – PR.” Seu texto explora a relação entre a crescente demanda habitacional e as mulheres pobres, chefes de família que, na sua concepção, constituem um grupo social de grande vulnerabilidade social e foco necessário de criação de ações por parte do Estado no combate à pobreza. A cidade também foi contemplada, embora que com outro enfoque, por Natália Cristina Alves, Raul Borges Guimarães. Os autores instigam o pensar geográfico da relação entre câncer de mama, corpo feminino e espaço urbano. Seu argumento está centrado na ideia de que o corpo é uma escala geográfica, que se relaciona com a cidade e evidenciam o corpo das mulheres pesquisadas como síntese de múltiplas escalas mediante a procura, o acesso e a oferta da saúde no espaço urbano de presidente Prudente-SP.

Roberta Carnelos Resende, María Alejandra Nicolás e Larissa Rosevics nos brindam com o artigo “Análise da Participação Política Feminina nas Assembleias Legislativas da Região Sul do Brasil (1998-2006)”. O texto explora uma série de elementos que configuram a participação feminina na política dos Estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, evidenciando atributos sociais como financiamento de campanha e bens como fundamentais nas conquistas de espaços políticos.

A análise das representações simbólicas do sagrado feminino é realizada no artigo de Emerli Schlögl que estabelece um diálogo entre geografia cultural e a perspectiva das leituras simbólicas, tomando por base Carl G. Jung. Segundo a autora, a espacialidade feminina na prática religiosa é, em grande parte, mediada por tais simbolismos.

Valkiria Trindade Almeida e Márcio Mendes Rocha, no artigo: “Um olhar sobre as potencialidades produtivas locais para o desenvolvimento: as artesãs do município de Guaporema” constroem a visibilidade feminina na organização do trabalho e evidenciam o papel das mulheres no processo de desenvolvimento local por meio de atividades criativas e pouco valorizadas na análise geográfica.

A relação entre espaço, atos infracionais e o envolvimento de adolescentes do sexo masculino em atos infracionais foi objeto de análise de Alides Chimin Junior, Joseli Maria Silva, no artigo: “Espaço, atos infracionais e a criação social dos adolescentes em conflito com a lei”. O texto traz uma discussão sobre a vulnerabilidade social e espacial vivida por adolescentes e de como esta vulnerabilidade é elemento componente das ações cometidas por eles. Os adolescentes também são abordados por Rita de Cássia Costa Teixeira que nos traz a análise da atitude dos educadores frente à expressão da sexualidade de pessoas com deficiência mental no espaço escolar e evidencia como esse aspecto é parte dos desafios da educação inclusiva e educação afetivo-sexual.

Além dos artigos já comentados anteriormente, chamamos a atenção para uma resenha sobre as mulheres na imigração espanhola de Maria Laura Osta Vazquez e uma instigante entrevista com o geógrafo queer David Bell sob o polêmico e legendário título de seu artigo censurado na Associação Americana de Geógrafos: “Fucking Geography”.

Enfim, essa é nossa contribuição para o crescimento da Geografia, para expansão de seu terreno empírico e para o enriquecimento de sua pluralidade temática. A Revista Latino-americana de Geografia e Gênero pretende manter este espaço crítico sobre a capacidade da ciência em contribuir para uma sociedade mais justa, igualitária e cidadã, a partir do respeito às diferenças culturais e humanas. Especialmente, nosso obrigado aos autores que confiaram em nosso trabalho e convidamos todas (os) que compartilham desses mesmos compromissos para submeterem suas produções ao corpo editorial da Revista.

*Joseli Maria Silva e Diana Lan*

Editoras da Revista Latino-americana de Geografia e Gênero